

O GATO DO RABINO: O ESPAÇO DA SALA DE AULA PARA A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS SOCIAIS E RELIGIOSOS

Izabel Cristina Durli Menin¹
Tobias Spagnolo²

Resumo

Os meios de comunicação de massa são grandes perpetuadores dos estereótipos em nossa sociedade, construindo uma condição de inferioridade de alguns segmentos religiosos. A partir da análise da animação *O Gato do Rabino*, buscamos trabalhar conceitos de alteridade; multiculturalismo e identidade, dentro de uma abordagem sobre as diferentes religiosidades que constituem o universo escolar, bem como as práticas que permeiam o fazer pedagógico no Ensino de História com base no que aborda os PCN sobre Pluralidade Cultural. Através dessa análise, será apresentada a diversidade cultural, partindo do princípio do direito à diferença, e a construção de identidades plurais como base de constituição da sociedade. Ao elencar a diferença dentro da diferença construímos a possibilidade de problematizar a homogeneização religiosa e construção de estereótipos.

Palavras-chave: Multiculturalismo. Escola. Religiosidade.

Abstract

The mass media are great perpetuators of stereotypes in our society, building a position of inferiority in some religious segments. From the analysis of *The Rabbin's Cat* animation, we seek to work with alterity concepts; multiculturalism and identity, within an approach about different religiousness that constitute the school environment, as well as the practices that permeate the pedagogical practice of History teaching based on the PCN about Cultural Plurality. Through this analysis, cultural diversity will be introduced, assuming the right of difference, and the construction of plural identities as the basis of the society formation. By listing the difference inside the difference we create the possibility of questioning the religious homogenization and the construction of stereotypes.

Keywords: Multiculturalism. School. Religiousness

Contextualizando visões: descortinando estereótipos através da abordagem midiática

Passado na Argélia dos anos 20, “O Gato do Rabino”, animação francesa de 2012, trata com suavidade e uma consciência de temas muito delicados sobre intolerância racial e

¹ Mestranda em História UCS - Professora de História do Colégio Regina Coeli, Veranópolis, RS, Brasil. e-mail: izabeldurli86@gmail.com

² Mestrando em História pela Universidade de Caxias do Sul - Professor de História da Rede Pública Estadual do RS, Brasil. E-mail: tobiasspagnolo09@gmail.com

religiosa, sem esconder as falhas e sem tomar partido, mesmo com o viés judaico forte do filme, evidencia o choque entre culturas, crenças e etnias.

Dirigido por Antoine Delesvaux e Joann Sfar, tem como protagonista um bichano que começa a discorrer sobre a vida, o amor e sobre religião. O felino, protagonista do filme, vive na Argélia com um rabino e sua filha. Certo dia, ele devora o falante papagaio do rabino e passa a falar também. Questionador, indaga seu dono o porquê de tudo e cai em uma crise existencial se é ou não judeu. Se sim, ele terá que fazer seu bar mitzvah (cerimônia de iniciação no judaísmo). Acusado de ser uma má influência, o rabino o afasta da coisa que ele mais ama: sua dona. O filme é recheado de questionamentos entre ciência e dogmas religiosos.

Ao trabalhar obras cinematográficas em sala de aula, como afirma Abud (2010) não podemos esquecer que são construções carregadas de significados, construídos a partir da seleção, edição e articulação de elementos como som e imagem que irão compor o filme. Assim, ao utilizar o cinema como material didático é necessário conscientizar os estudantes que as imagens são produto da interpretação humana, e que ao reconstruir determinado período ou fato histórico, ou mesmo uma Argélia fictícia como é o caso do O gato do rabino, a tentativa de reconstituir o passado baseia-se nas representações e na subjetividade de seus criadores.

Trabalhar com filmes deste gênero, relacionado a questões religiosas em sala de aula, é importante para que os alunos, desde cedo, consigam estabelecer uma compreensão de que existe uma diferença entre crenças no convívio diário, e esta, precisa ser respeitada para que se estabeleça uma rotina saudável, de tolerância, e que todas tecem uma rede de relações em nossa sociedade. Conforme Gaarden,

Um conhecimento religioso sólido também é útil num mundo que se torna cada vez mais multicultural. Muitos de nós viajamos para o exterior, entrando em contato com sociedades que têm diferentes valores e modos de vida, ao mesmo tempo em que imigrantes e refugiados chegam a nossa própria porta, confrontando-se com um sistema social que lhes é totalmente estranho. (...) O estudo das religiões pode ser importante para o desenvolvimento pessoal do indivíduo. Quem vê de fora uma religião, enxerga apenas suas manifestações, e não o que elas significam para o indivíduo que a professa. (2005, p. 16.17)

O filme pode ser uma ótima ferramenta para as aulas de história, por tratar de temas pertinentes para a sala de aula no contexto atual, como a tolerância. Que é recorrente no desenrolar da obra, quando trata das diferentes opiniões religiosas.

Enquanto educadores (as), nossa ação exige que tenhamos um olhar atento a questões da multiculturalidade que existe em nossa sociedade. O filme traz isso quando junta um judeu russo, que foi deportado para a Argélia e é acolhido pelo rabino. Sonhando em conhecer uma comunidade etíope de negros judeus, o jovem pintor russo convence o rabino a partir com ele rumo a esta localidade, assim, partem para uma cruzada pela África, local marcado pelas mais diversas crenças religiosas, etnias e línguas. Acompanham a saga um ateu e um muçulmano, amigo de ambos.

Podemos tomar como ponto de referência para análise, esta convivência demonstrada no filme entre diferentes etnias e crenças, e que precisa ser sentida pelos alunos, isso transcende currículo, e exige um olhar sensível do professor, ou melhor, um preparo antecipado para que, o próprio professor, se dispa de pré-conceitos que alimenta em seu interior. Segundo Lorieri, “(...) trata-se da reforma de como pensamos, ou seja, do modelo ou do paradigma de pensamento que utilizamos, pois, conhecimento é produção da maneira de pensar.” (2010, p. 17.)

Ao trabalhar com este tema, pode-se transportar para as representações de mundo dos estudantes. Do respeito ao outro, das diferenças culturais existentes dentro da sala de aula, na escola e na sociedade. Aprender a conviver com o outro, com opiniões divergentes é fundamental para a construção de uma sociedade baseada no respeito mútuo.

A Pluralidade Cultural que se apresenta em nosso cotidiano escolar, exige que se construa um fazer pedagógico com um olhar atento a essa diversidade sociocultural. Torna-se cada vez mais imprescindível que o professor, com seu olhar crítico, ajude a despertar no aluno, não só uma visão crítica da nossa sociedade, mas sim, também o desejo de intervir como agente histórico ativo e capaz de atuar para transformar o espaço em que está inserido.

Seguindo essa visão, Veiga- Neto afirma:

É preciso reconhecer que sabendo – mesmo que minimamente – como chegamos a um determinado estado de coisas, fica muito mais fácil desconstruir aquilo que nos desagrada nesse estado de coisas. A desnaturalização dos fenômenos sociais – ou seja, tomá-los não como algo sempre dado, mas como algo historicamente construído – é o primeiro e necessário passo para intervir nesses fenômenos. Saber como chegamos a ser o que somos é condição absolutamente necessária, para resistir, para desarmar, reverter, subverter o que somos e o que fazemos. (2003. p.7)

Sendo assim, quando o indivíduo toma a consciência do real e de si mesmo, desconstrói as representações sociais a qual está submetido, rompendo paradigmas e preconceitos historicamente construídos.

Essas representações são muitas vezes reforçadas pela grande mídia, que reproduz a ideologia dominante e reforça os estereótipos socioculturais de uma religião dominante.

Podemos dizer que o filme nos possibilita a levantar junto aos alunos questões que coloquem em dúvidas as verdades únicas que são construídas em relação à cultura religiosa, a posturas em relação a crenças que homogeneízam as identidades de alguns povos congelando assim suas diferenças. Conforme afirma Veiga-Neto, '(...) qualquer pedagogia multicultural não pode pretender dizer, aos que estão entrando no mundo, o que é o mundo; o que no máximo ela pode fazer é mostrar como o mundo é constituído nos jogos de poder/saber por aqueles que falam nele e dele, e como se pode criar outras formas de estar nele.' (2003, p. 13)

Ao abordar as diferentes formas de representações de mundo dos estudantes, as diferenças culturais mostram-se latentes na de sala de aula, na escola e na sociedade. Assim, aprender a conviver com o outro, com opiniões divergentes é fundamental para a construção de uma sociedade baseada na alteridade. De acordo com Hermam:

A produção artística e a estética incluem-se num movimento de interpretação da vida e reinventam o conceito de alteridade, na medida em que a experiência estética enfatiza uma multiplicidade de dimensões do estranho, que nos retira da conformidade com o familiar, abrindo espaço para uma alteridade antes desconhecida. (HERMAM, 2006, p.1)

Assim, é fundamental que a escola trabalhe com as diferenças, rompendo com as representações sociais construídas historicamente ao mostrar várias culturas, e o convívio harmonioso entre as religiões. A obra apresenta uma visão plural da sociedade, que parte do princípio do respeito à diferença, e a construção de identidades plurais.

O espaço da sala de aula e o respeito à pluralidade identitária

Segundo os PCN (1999) o ensino de História tem por um dos objetivos mais relevantes o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais.

Trabalhar com a diversidade humana, comporta uma ampliação de horizontes para o professor e para o aluno, uma abertura para a consciência de que a realidade em que vivem é apenas parte de um mundo complexo, fascinante e desafiador, na qual o elemento universal subjacente e definidor das relações intersociais e interpessoais deve ser a Ética. Propicia, ainda, a percepção de que essa característica sociocultural é expressão de uma pluralidade dinâmica para além das fronteiras do Brasil, a qual tem sido benéfica e estimuladora na definição de valores universais. (PCN, 1997, p. 19)

Temos presente nos Parâmetros Curriculares, no que se refere aos temas transversais, um discurso que salienta a importância de se trabalhar junto ao aluno a pluralidade de crenças, o respeito às diferenças, o respeito aos diferentes costumes e povos. Acrescenta-se a este discurso a preposição do respeito aos diversos dogmas na valorização da alteridade do indivíduo. Embora com uma linguagem muito bem formulada no papel, o caminho de colocá-lo em prática está a passos lentos, pois ainda se sobressai o catolicismo como religião predominante, pelo fato de ser ela ainda majoritária³ no Brasil.

Desta forma, a animação, ao elencar a diferença dentro da diferença, como a divergência religiosa entre os vários personagens judeus, como o rabino e seu mestre, e os judeus negros da Etiópia, pode-se observar a identidade como uma construção múltipla e não única. Assim, como afirma Canen, “o pertencimento e a identidade não são sólidos como uma rocha, não podendo dogmatizar a identidade a partir de um marcador específico, ignorando sua mobilidade”. (2007, p.96)

Ao trabalhar essa temática com os estudantes, é necessário relativizar a construção das identidades e dos grupos sociais, não podendo ser visto como algo homogêneo, mas sim resultado de uma visão de mundo e construção de valores específicos de determinado contexto histórico. Transpondo isso para a animação, o pintor russo, o rabino argelino e os judeus da Etiópia, são todos judeus, porém a visão de religião e a representação de mundo que cada personagem tem é marcado pelas experiências vividas, pela subjetividade de cada um.

Portanto, o papel da escola é preparar o estudante para a complexidade das relações sociais e das construções culturais e assim desenvolver nele o respeito à diferença, que saiba

³ Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censo2010) nos são apresentados os seguintes dados: Religião Católica Apostólica Romana: 64,6%, Evangélicas: 22,2 % Espírita: 2% Umbanda e Candomblé: 0,3% Sem religião 8% Outras religiosidades: 2,7% Não sabe /não declarou: 0,1% Disponível: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf

desconstruir as representações, o senso comum. Que toma consciência do real e de si mesmo. Rompendo com os conceitos de cultura e civilização como características restritas a uma parcela da população que justificam uma postura de superioridade de algumas sociedades sobre as outras. Conforme Lia, isto é “permitir ao aluno uma possibilidade de pesquisa, de compreensão da dinâmica as crenças que o cercam, o reconhecimento do outro dentro de sua cultura e o entendimento do próprio lugar na sociedade e na trajetória histórica”. (2012, p.558)

O Ensino de História e a desconstrução de identidades cristalizadas

As identidades religiosas e culturais não são estanques, mas resultam do processo de identificação. E a pluralidade das identificações é influenciada pela obsessão da diferença e pela divisão hierárquica do que é distinto. Como apresenta o autor: “Quem pergunta pela sua identidade questiona as referências hegemônicas, mas ao fazê-lo, coloca-se na posição do outro e, simultaneamente, numa situação de carência e por isso de subordinação” (SANTOS, 2010 p. 135)

É necessário compreender que a identidade não é fixa, mas que sua construção está ligada a vários fatores, entre eles o da diferença, eu me constituo a partir do que me diferencia do outro. E também está associada ao social, material e simbólico. “A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade.” (WOODWARD, 2000 p.18).

Tecemos uma rede de relações num universo plural, nele construímos significados levando em conta a inserção do aluno na comunidade onde ele faz parte, produzindo desta forma, significado para suas ações, isso também no campo da diversidade religiosa. Assim,

Quando pensamos a construção das identidades, também somos perseguidos por esse modelo de estabilidade, de harmonia e de cristalização como padrão desejado. A sociedade nos dá, prontas, algumas identidades [...] Uma identidade é, neste caso, uma configuração cristalizada, estereotipada de uma maneira de ser ou um ritmo determinado a responder às figuras demandadas (PEREIRA, 2013, p.42)

O Ensino de História deve ter esse olhar: de contribuir para a promoção da tolerância entre os diferentes grupos culturais, o professor, em sua prática, através das ferramentas como a animação “O Gato do Rabino” deverá promover uma dinâmica interdisciplinar que promova essa apreensão e a possibilidade de desconstrução de identidades cristalizadas e pré-construídas pelos padrões sociais.

Faz-se necessário mostrar que o cinema, os produtos da TV e a publicidade estão muitas vezes ligados a uma técnica sugestiva, não necessariamente explícita, mas muito funcional. Pois sugerir é significar sem dizer. Evidenciar que o ritmo, cada vez mais veloz do encadeamento de imagens, tem um efeito hipnótico, pelo grau de atenção que exige do espectador, trabalhando inclusive no plano inconsciente. Para além da sala de aula o desafio é fazer desse uso pedagógico uma atividade que envolva a reinterpretação do cotidiano dominado pelas mídias. (CASTRO, 2010, p. 279)

A obra nos faz este convite: construir um debate reflexivo sobre as temáticas relacionadas à religião, etnia e diferenças culturais, construindo, dialogando e garantindo um espaço do conhecimento crítico da diversidade e do respeito, possibilitando um ambiente mais democrático e reflexivo em sala de aula. É importante que tenhamos presente que, somente através do confronto de ideias, a escola poderá tentar garantir o espaço da diversidade e do respeito.

No filme as relações entre as comunidades religiosas ainda são confusas e marcadas pela tolerância, como o caso do judeu e do muçulmano. Mas, já é perceptível a discriminação política a grupos religiosos - como na cena em que o rabino não pode sentar em um bar. Isto deixa claro o quanto temas como o conflito na Faixa de Gaza, ficam subentendidos em algumas cenas. Mostrando assim, o quanto a animação é importante para construir uma referência sobre identidades religiosas, tolerância e confrontos políticos.

O uso do cinema em sala de aula representa uma possibilidade de se abordar com dinamicidade temas que muitas vezes no cotidiano escolar não são elencados, como diversidade religiosa, por serem tidos como tabu. Portanto, é imprescindível que, enquanto professores de História, tenhamos a compreensão de que a sociedade, a escola e o ambiente da sala de aula, tecem entre si relações complexas. Levando-se em conta isso, é necessário livrar-se de conceitos pré-concebidos, buscar novas ferramentas pedagógicas e estar abertos a várias possibilidades de compreensão de mundo e da diversidade que dele faz parte.

Referências

CANEN, A. **O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação.** *Revista comunicação e política*. v.25, n.2, p.091-107, 2007. Disponível em: <http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/02DED04%20Ana%20Caren.pdf>. Acesso em: 26/09/2013

CASTRO, Nilo André Piana de. **Leitura midiática na sala de aula e nos cursos de extensão: Interpretando e construindo conhecimento através de imagens em movimentos.** In: BARROSO, Véra Lúcia Maciel (org.). Ensino de história desafios contemporâneos. Porto Alegre: EST : Exclamação : ANPUH/RS, 2010.

FIORIO. Angela Francisca Caliman; FERRAÇO. Carlos Eduardo, LYRIO Kelen Antunes. **Pesquisar com os Cotidianos: os múltiplos contextos vividos pelos/as alunos/as.** *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 569-587, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso : 20/01/2014

GAARDEN, Jostein, HELLERN, Victor, NOTAKER, Henry. **O livro das religiões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (Capítulo: “Conhecimento religioso”).

HERMANN, Nadja. **Ética, estética e alteridade.** Apresentado no II Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências, e publicado em: *Cultura e alteridade: confluências / Amarildo Luiz Trevisan, Elisete M. Tomazetti (Orgs.).* Ijuí : Ed. Unijuí, 2006. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/gpracioform/artigos.html>. Acesso em: 16/04/2014

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. *Revista Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 104, Especial, out. 2008.

LIA, Cristine Fortes. **História das religiões e religiosidades: contribuições e novas abordagens.** In. *Aedos*. V. 4. N.11. 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/31208/20886>

LORIERI, Marcos Antonio. **Complexidade, Interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e Formação de Professores.** *Revista Notandum*, 23 mai-ago, 2010, CEMOrOC-Feusp/IJI - Universidade do Porto. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand23/P13a20.pdf>

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da Professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor.** Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade,** 13.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de educação.* Maio/Jun/Jul/Ago 2003, n. 23. Disponível em: [ttp://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a01.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a01.pdf)

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000.